

Os gêneros literários biográficos da Antigüidade Tardia e os evangelhos: continuidades e descontinuidades

*Brian Gordon Lutalo Kibuuka

Resumo: O artigo consiste na análise das relações entre os evangelhos cristãos canônicos e alguns dos gêneros biográficos da Antigüidade tardia cujos modelos de alguma forma manifestam paralelos importantes com os textos cristãos sobre Jesus.

Palavras-chave: Evangelhos, biografia helenística, encômio, gênero literário.

Abstract: This paper describes the analysis of relations between the canonical gospels and some of the biographical genre of late antiquity whose models somehow reveal important parallels with the Christian texts about Jesus.

Keywords: Gospels, Hellenistic Biography, Encomium, Literary Genre.

O cristianismo do primeiro século é o resultado do impacto da vida e do ensino de Jesus, que a partir da Galileia iniciou um movimento cuja amplitude rapidamente se ampliou e alcançou novas paragens e ambientes em todo o vasto Império Romano.¹ A história e a mensagem de Jesus foram acolhidas por pessoas pertencentes às mais diferentes culturas ainda no primeiro século da presente era, constituindo-se um fenômeno de expansão e adesão de singular preeminência, um crescimento improvável devido ao início humilde do cristianismo a partir de uma localidade considerada insignificante e árida².

Após os inícios humildes na Palestina, a pregação sobre o Cristo e os seus feitos alcançou “Roma, Alexandria, Tiro, Éfeso e Antioquia...”, levada pelos “apóstolos de Jesus que viajavam a pé pelas grandes estradas e navegavam pelo Mediterrâneo a bordo

* Professor Substituto de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Autor está em fase de conclusão dos estudos do mestrado em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra. É ainda mestrando em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense. O link para o *curriculum* do Autor na Plataforma Lattes (CNPQ) é: <http://lattes.cnpq.br/5276135301125711>.

¹ A expansão do cristianismo pelo Império Romano é atestada por autores latinos. Tácito afirma que a “*superstitio*” cristã havia chegado à cidade de Roma, tendo sido perseguida por Nero (TÁCITO, *Annales*, 15.44). Suetônio relata essa mesma perseguição (SUETÔNIO, *De Vita Cesarum, Nero*, XVI, 2), e também faz menção ao edicto de Cláudio de 49 d.C. que procura controlar os conflitos entre os judeus de Roma por causa da propaganda cristã (*idem, ibidem, Divus Claudius*, XXV, 4). Plínio, o moço, legado do Imperador na província do Ponto, na Bitúnia, entre 111 e 113 d.C., relata a presença de cristãos e qualifica o movimento como “superstição” que se irradia por cidades e em cada estrato social (PLÍNIO, o Moço, *Epistulae*, 96.8-10).

² Segundo Rinaldo Fabris, a expansão do cristianismo no mundo greco-romano nos primeiros trinta anos é “excepcional e único”, já que “o proselitismo judaico e a propaganda das religiões orientais, em particular as egípcias, não são comparáveis à experiência missionária cristã quanto à capilaridade de penetração e rapidez de desenvolvimento”. FABRIS, Rinaldo, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 271.

de galeras mercantes e navios de passageiros”³. Ainda no primeiro século, a mensagem cristã chegou até outros centros urbanos menores pela atuação de missionários, dentre os quais Paulo se destaca devido ao abundante número de suas missivas, bem como do relato de Atos dos Apóstolos ao seu respeito⁴.

A singular expansão do cristianismo veio acompanhada do enriquecimento da tradição cristã através da sua assimilação por diferentes grupos sociais e culturas. Em especial, as tradições a respeito da vida e da obra de Jesus, ao alcançarem esses novos locais, foram aceitas por novos ouvintes em um trânsito que também ocasionou a modificação e adaptação dessa tradição para linguagens, categorias, formas e temas mais compreensíveis aos diferentes contextos. Sendo assim, muito se conservou do mais antigo *kérygma* jesuânico, repleto de referências à vida campesina e humilde da Galileia, pequena e insignificante como um “grão de mostarda”, bem como repleto de informações a respeito da atuação de Jesus na Judeia, da sua morte em Jerusalém e de sua ressurreição. Mas essa narrativa foi aproximada dos seus ouvintes pela inserção de categorias acessíveis aos novos contextos, situações e culturas dos grupos que aderiram ao cristianismo. Segundo Fitzmyer, “a multiplicidade de relatos na tradição primitiva revela que eles não foram compostos com o simples propósito de narrar fatos sobre Jesus”.⁵ Entre os fatores enumerados por Fitzmyer que influenciaram as mudanças na tradição cristã estão os ecos de preocupações religiosas tardias, as controvérsias entre grupos religiosos, as necessidades missionárias e a perseguição.

A memória do processo de intercâmbio, adaptação, conservação e inovação pelo qual a tradição jesuânica foi sendo enriquecida ainda no cristianismo primitivo estão acessíveis à pesquisa contemporânea através da farta produção literária deixada pelos grupos cristãos desde os primórdios do movimento. Tal literatura, diversificada em forma e conteúdo, é uma forte evidência da seleção e ressignificação das tradições.⁶ Dessa literatura, dá-se aqui particular destaque aos evangelhos.

³ HORSLEY, Richard; SILBERMAN, Neil Asher, *A Mensagem e o Reino: como Jesus e Paulo deram início a uma revolução e transformaram o Mundo Antigo*, p. 125.

⁴ “Especialmente o apóstolo Paulo nos é conhecido como fundador de um grande número dessas comunidades nas quais predominava, ou, em grande parte estava presente com exclusividade o elemento cristão gentílico” (STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang, *História social do protocristianismo*, p. 288).

⁵ FITZMYER, Joseph A., *Catecismo cristológico: respostas do Novo Testamento*, p. 20.

⁶ FIORENZA, Elizabeth Schüssler, *Jesus e a política da interpretação*, p. 12.

Em um sentido geral, a palavra ‘evangelho’ é proveniente do grego εὐαγγέλιον, que significa “recompensa”, “ações de graças”, “sacrifício oferecido por uma boa-nova”, ou a própria “boa-nova”. A utilização do termo já era feita na LXX, tradução grega do Antigo Testamento hebraico⁷, onde o verbo hebraico *basar* é traduzido pelo verbo grego εὐαγγελίζεσθαι, que significa em vários contextos basicamente “proclamar a boa nova” (Is 40.9; 52.7; 61.1; Sl 96.2). Em especial no Deutero-Isaías, a expressão se relaciona ao mensageiro de Deus que proclama a boa nova escatológica da irrupção do soberano domínio de Deus⁸.

Além da influência veterotestamentária, advinda da tradução dos Setenta, a palavra ‘evangelho’ já havia adquirido forte conotação religiosa no mundo romano por causa do culto ao imperador, em especial na atribuição a este, no fim do século I a.C. e do início do século I. d.C., a figura de legislador divino universal. Uma evidência está na inscrição do calendário de Priene, na Ásia Menor (ano 9 a.C.), no qual o nascimento de Augusto é mencionado como sendo ‘boas novas’: “o aniversário do deus [Augusto] marca para o mundo o começo das boas novas [εὐαγγελία]”⁹.

As duas influências descritas - a judaica e a romana - são interlocutoras do uso do termo no Novo Testamento. Paulo é o autor neotestamentário que mais utiliza a palavra ‘evangelho’. Das setenta e seis ocorrências no Novo Testamento do vocábulo, sessenta estão nas epístolas paulinas¹⁰. Paulo geralmente utiliza a palavra no singular, contrariando o uso corrente na LXX. Evangelho é um termo técnico utilizado por Paulo para se referir à sua própria proclamação através e a respeito de Jesus¹¹. Em Paulo, “evangelho” é um termo que faz menção à proclamação a respeito de Cristo e à salvação trazida por ele (Rm 1.1ss; I Co 15.1ss etc.). Em Jesus, especialmente naquilo

⁷ BAILLY, A. εὐαγγέλιον. In: *Abrégé du dictionnaire Grec-Français*, p. 369-370.

⁸ KÜMMEL, Werner G., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 34.

⁹ TÁCITO, *Annales*, VI, XXII.

¹⁰ Segundo James Dunn, há quatro ocorrências da palavra em Mateus, oito em Marcos, duas em Atos, nove em Romanos, oito em I Coríntios, oito em II Coríntios, sete em Gálatas, quatro em Efésios, nove em Filipenses, duas em Colossenses, seis em I Tessalonicenses, duas em II Tessalonicenses, uma em I Timóteo, três em II Timóteo, uma em Filemon, uma em I Pedro e uma vez no Apocalipse. Quanto ao verbo εὐαγγελίζομαι, esse surge uma vez em Mateus, dez em Lucas, quinze em Romanos, seis em I Coríntios, duas em II Coríntios, sete em Gálatas, duas em Efésios, uma em I Tessalonicenses, duas em Hebreus, três em I Pedro e duas no Apocalipse (nas epístolas paulinas, aparece vinte e uma vezes, de um total de cinquenta e quatro). Por sua vez, a palavra κήρυγμα aparece em Rm 16.25, I Co 1.21, 2.4, 15.14; II Tm 4.17; e Tt 1.3 (nas epístolas paulinas, surge seis vezes, de um total de oito). Ver: DUNN, James D. G., *The Theology of Paul the Apostle*, p. 164-165.

¹¹ STUHLMACHER, *Das Evangelium und die Evangelien: Vorträge vom Tübinger Symposium 1982*, p. 27.

que pode ser atestado nos evangelhos, é possível observar que a ideia do Trito-Isaías é retomada: a concepção de que o evangelho é “boa nova” da salvação trazida por um pregoeiro em um tempo escatológico. No caso, o portador de tal mensagem nos evangelhos é o próprio Jesus (Mt, 11.5).

Logo, no Novo Testamento, o ‘*euangélion*’ é geralmente o termo utilizado para fazer menção à palavra viva da pregação, geralmente alusória à pregação oral *de* ou *sobre* Jesus.¹² E o termo ‘evangelista’ é usado para designar o pregador itinerante (At 21.8; Ef 4.11; II Tm 4.5). Um único texto faz referência ao seu próprio escrito chamando-o de evangelho no Novo Testamento: *Marcos* (Mc 1.1), o que indica ser seu relato uma pregação salvífica.¹³ Em *Marcos*, o princípio do evangelho é a proclamação do Batista (Mc 1.2-8), mas Jesus também assume essa tarefa (Mc 1.14-15). Os contextos missiológicos em que o Batista e Jesus ‘pregam o evangelho’ anunciam revelam que o termo foi extraído “da linguagem missionária do cristianismo primitivo”.¹⁴ Logo, ouvir a mensagem cristã é “crer no evangelho” (Mc 1.15). Ainda assim, não há ainda a ideia de que o gênero dos relatos escritos a respeito da vida e obra de Jesus seja ‘evangelho’.

É na Igreja Antiga que o evangelho se torna, em uma acepção geral, a *boa nova escrita* da salvação. É nesse sentido que o termo aparece na *Didaquê* (Did 15.3) e em *2 Clemente* (2 Clem 8.5), ambos datados por volta do começo do século II. Porém, outra concepção é desenvolvida, a qual assumirá significativa importância: a de que o evangelho é um livro de origem apostólica - logo, de testemunhas oculares.

Justino, apologista cristão da segunda metade do século II, afirmou que os evangelhos são “as memórias [τὰ ἀπομνημονεύματα] dos apóstolos”¹⁵. Essa referência, mais do que uma designação à origem dos evangelhos, é uma indicação da natureza do texto: *apomnemoneúmata* são coleções de anedotas mais ou menos artísticas, que formam um texto único (não necessariamente uma mesma narrativa) a respeito de uma pessoa em particular¹⁶. Papias, bispo de Hierápolis do início do segundo século já havia caracterizado o Evangelho de Marcos como *apomnemoneúmata* de Pedro - ou seja, uma história de anedotas sobre as palavras e ações de Jesus, escritas sob a forma de um

¹² Assim afirma FRIEDRICH, G., εὐαγγέλιον, p. 718-734.

¹³ Assim afirma VIELHAUER, Philipp, *História da literatura cristã primitiva*, p. 284.

¹⁴ KERTELGE, Karl, *A epifania de Jesus no evangelho de Marcos*, p. 197.

¹⁵ JUSTINO, *Apologia*, LXVII. Ver também a expressão οἱ γὰρ ἀπόστολοι ἐν τοῖς γενομένοις ὑπο αὐτῶν ἀπομνημονεύμασιν, ἃ εὐαγγέλια καλεῖται... [porém, os apóstolos, nas memórias compostas por eles, que são chamadas evangelhos...]. *idem, ibidem*, LXVI, 3.

¹⁶ DARTON, Stephen C., *The Cambridge Companion to the Gospels*, p. 21-22.

material didático (διδασκάλια), formuladas “para necessidades específicas” (πρὸς τὰς χρείας) ¹⁷. Ou seja: ainda que se questione a tradição de Papias, é certo que os evangelhos eram considerados escritos pertencentes a um tipo específico de literatura, cujos paralelos podem ser encontrados na ampla gama de relatos biográficos da Antigüidade tardia.

Além de caracterizar a natureza literária dos evangelhos, Justino é o primeiro autor cristão a chamar os escritos sobre Jesus de ‘evangelhos’ (εὐαγγέλια - no plural, em oposição a εὐαγγέλιον, no singular). E em p⁶⁶ e Irineu¹⁸, os livros que tratavam de Jesus passaram a ser chamados de “εὐαγγέλιον κατὰ...” [evangelho segundo...]. Esta também é uma evidência importante de que os livros passam a ser chamados pelo nome dos seus autores, antecédidos da expressão: "Evangelho segundo" que até hoje é utilizada. No Cânon Muratori, o evangelho de Lucas é chamado de *tertium evangelii librum secundo lucan* [o terceiro livro do evangelho é segundo Lucas] ¹⁹. É comum o aparecimento em versões latinas da palavra κατὰ sem tradução - por exemplo, *Cata Mateo* [segundo Mateus] ²⁰.

O primeiro a chamar o autor de um evangelho de evangelista foi Taciano, e por entender serem os evangelhos uma unidade, compôs o *Diatessaron* em aproximadamente 170 d.C., sendo essa obra uma harmonia dos evangelhos que foi o primeiro escrito sobre a vida de Jesus em latim, siríaco, armênio, georgiano e arábico ²¹.

Até o século III, é comum encontrar citações e alusões aos vários evangelhos pelos autores cristãos. Orígenes menciona nos seus escritos o *Evangelho de Tomé*, o *Evangelho de Matias*, o *Evangelho de Basíledes*, o *Evangelho dos Egípcios*. Porém, a menção dos mesmos geralmente é reprovativa, já que na segunda metade do século II já estava em desenvolvimento a concepção da existência de quatro evangelhos canônicos

¹⁷ EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, III, 39.15.

¹⁸ O p⁶⁶, também conhecido como papiro Dodmer II, tem setenta e cinco fólhos e trinta e nove fragmentos não identificados, que após o arranjo totalizam setenta e oito fólhos e 156 páginas. Esse papiro denomina o Evangelho de João εὐαγγέλιον κατὰ Ἰωάννην [evangelho segundo João]; chama o Evangelho de Pedro de κατὰ Πέτρον [o (evangelho) segundo Pedro]; e o Evangelho de Tomé Θωμᾶν εὐαγγέλιον [Evangelho de Tomé]. O códice é do início do século II. Quanto a Irineu, esse também utiliza o κατὰ [segundo], que será adotado a ponto de ser utilizado com frequência nos códices neotestamentários. Ver: IRINEU, *Adversus haeresis*, III, 11, 70.

¹⁹ GLOAG, Paton J., *Introduction to the synoptic gospels*, p. 168.

²⁰ JÜLICHER, Adolf, *Einleitung in das Neue Testament*, p. 273.

²¹ Segundo Petersen, O *Diatessaron* de Taciano é muito importante para a o estudo do texto dos evangelhos e para a análise da evolução da sua tradição. Ver: PETERSEN, William L., *The Diatessaron of Tatian*, p. 77.

nos círculos eclesiásticos. Irineu, em *Adversus haeresis*, afirma que o evangelho é tetrapartido²². A mesma indicação é feita por Clemente de Alexandria²³.

O evangelho, portanto, assumiu a acepção de gênero próprio para a comunicação dos atos e palavras alusivas a Jesus e de seu grupo. É um texto pertencente a um gênero literário, o que não pode ser ignorado em sua análise. As narrativas escritas sobre Jesus surgiram em um período de desenvolvimento do estudo dos gêneros literários na Antiguidade, chamado originalmente pelos gregos de εἶδη ou γένη, e desenvolvido na incipiente crítica literária promovida por autores latinos, principalmente Horácio (65-8 a.C.), autor da *Ars Poetica*.

Horácio, pela sua proximidade histórica com o período da produção literária cristã, é um autor importante para a compreensão das características assumidas pelos textos do primeiro século. R. K. Hack afirma que são duas as aproximações possíveis à obra de Horácio, feitas pelos seus críticos modernos. A primeira explicação é a de ser a *Ars Poetica* uma *eisagoge*, escrita com um esquema retórico definido. A segunda aproximação entende ser a *Ars Poetica* uma *epistula*, feita em tom conversacional. Ambas as leituras partem do pressuposto de que a forma de um escrito determina seu conteúdo e sua estrutura.²⁴ Porém Hack, a partir da análise do restante da obra de Horácio, percebe que ele está em busca da ‘Forma Ideal’ (εἶδος ou γένος) e não das regras fixas. Em suas dezessete *Epodes*, nove são satíricas e oito são líricas. Além disso, as suas *Odes* são o resultado do inter-relacionamento ou criação de novos gêneros literários. Conclui-se, portanto, que “as leis do gênero lírico estabelecidas por Horácio, o crítico, são definitivamente transgredidas por Horácio, o poeta”²⁵.

Rossi, em sua análise da crítica literária na Antiguidade, constata que as leis e teorias formuladas pelos gramáticos e oradores não são rígidas. Os *elementi* da obra literária - temas, estrutura, linguagem, metro, música e dança - dependiam fundamentalmente da relação entre o autor e a audiência, dos contextos sociais e da situação histórica, mais do que das leis que governavam os gêneros literários²⁶. Sendo assim, o período helenístico, no qual o cristianismo está inserido, tem uma literatura caracterizada pela inovação,

²² IRINEU, *Adversus haeresis*, III, 1, 8-9.

²³ CLEMENTE, *Stromata*, I, 136.

²⁴ HACK, R. K., *The Doctrine of Literary Forms*, p. 1-65.

²⁵ *Idem*, p. 63-65.

²⁶ ROSSI, L. E., *I Generi Litterari e Le Loro Leggi Scritte e non Scritte Nelle Letterature Classiche*, p. 69-94.

experimentação e mudança, de tal forma que os textos do último século a.C. e o primeiro d.C. apresentam grande flexibilidade nos gêneros literários ²⁷.

A abundância de gêneros e a tendência à experimentação explicam em parte o surgimento dos evangelhos. É certo que esses escritos cristãos têm um forte substrato veterotestamentário, porém, tanto a literatura judaico-helenística quanto a cristã sofreu forte influência da literatura helenística, tanto no idioma adotado - o grego - quanto nas formas e gêneros literários. Sendo assim, para o estudo dos evangelhos, é preciso recorrer aos textos que se assemelham a eles: no caso, os encômios e as biografias greco-romanas.

O encômio (do grego ἐγκώμιον, ‘louvor’, ‘elogio’, ‘panegírico’) é uma apresentação laudatória de uma pessoa, sendo semelhante à biografia, ainda que não faça referência à totalidade da vida do personagem narrado. O primeiro a fazer em prosa tal apresentação elogiosa foi Isócrates (436-338 a.C.), nas obras *Nicócles*,²⁸ *Os Ciprianos*²⁹ e *Evágoras*.³⁰ Ele afirma ser a sua tarefa “ἀνδρὸς ἀρετὴν διὰ λόγων ἐγκωμιάζειν” [elogiar a virtude do homem através das palavras] ³¹. O modelo de Isócrates foi seguido por Xenofonte em *Agesilau*, obra composta em 360 a.C. e dividida em duas partes: a primeira diz respeito à história desse rei de Esparta, e a segunda enumera suas virtudes³². A estrutura dos encômios foi desenvolvida no período helenístico, principalmente entre os oradores romanos. Segundo Cícero (106-43 a.C.), um encômio deve conter o nome, a origem, o modo de vida, a fortuna, os hábitos, os sentimentos, os interesses, as propostas, as realizações, os acidentes e uma fala sobre os seus feitos ³³.

K. Berger afirma que, quando o encômio segue uma ordem cronológica (*narrativium*), é formado pelas seguintes partes: proêmio; indicação de origem (povo, pátria, cidade, família, ancestrais, antepassados, forma de nascimento, qualidades naturais); formação e profissão; e atos (πράξεις) – sejam virtudes, vícios ou mesmo atitudes habituais ³⁴. As fontes mais abundantes dos encômios são as inscrições e a

²⁷ Idem, p. 83.

²⁸ É uma exortação a Nicócles, novo rei.

²⁹ Sobre deveres morais.

³⁰ Sobre a morte do pai de Nicócles.

³¹ ISÓCRATES, *Evágoras*, 8.

³² Sem dúvida, essa obra acolhe grande parte do material e segue a forma de Evágoras. É um louvor ao rei de Esparta Agesilau, nascido em 444 a.C., um grande soldado que liderou a expedição grega na Ásia Menor contra a Pérsia entre 396 e 394 a.C. Ver: EUCKEN, Christoph, *Isokrates*, p. 264-269.

³³ CÍCERO, *De inventione*, I, xxiv, 34.

³⁴ BERGER, Klaus, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 311.

literatura judaico-helenista, as quais apresentam um modelo simplificado contendo a sequência natureza-origem-atos-fama³⁵. Essa estrutura é que se assemelha mais à ordem costumeira dos encômios neotestamentários³⁶.

O Novo Testamento também apresenta os seguintes encômios: 1 Tm 3.16, escrito no *passivum divinum* e próximo aos encômios mais antigos (enumera a origem – “ἐφανερώθη ἐν σαρκί” [revelado na carne] - e as ações); Cl 2.9-15, Hb 7.1-10, 1 Tm 2.5-6 e Tt 2.11-15, textos em que são citadas as principais obras dignas de louvor, primeiro as da graça, depois as de Jesus Cristo. Também há referências ao gênero oposto ao encômio, a zombaria: Mc 15.29-32,36; Mt 27.40-44; Lc 23.35-37,39; Mc 15.18; Mt 27.49; Lc 22.64; Jo 11.37, 19.3; e Lc 4.23.

Quanto à relação entre os encômios e os evangelhos, essa se dá em nível estrutural, particularmente na utilização da comparação (σύγκρισις). Tal recurso é característico da literatura grega desde o século V e IV a.C., em particular, das comparações entre gregos e bárbaros, homens e mulheres, cidadãos e estrangeiros, livres e escravos etc³⁷. As narrativas da infância de Jesus, presentes em nos evangelhos de Mateus e Lucas, os relatos do Batista e aqueles introduzidos por citações bíblicas (por exemplo, Mc 1.4-8; Lc 4.17-19) também se aproximam não só dos encômios de Isócrates e Xenofonte, mas também das *Vitae Prophetarum* e da literatura laudatória de Fílon (*Vita Mosis*), ambos pertencentes ao judaísmo³⁸.

As biografias greco-romanas, por sua vez, também apresentam grande flexibilidade e variabilidade no período compreendido entre o século I a.C. e I d.C. É a biografia que conserva relações mais próximas com o gênero ‘evangelho’. Essas biografias, desde a sua origem, foram chamadas de ‘Vidas’ (em grego, βίοι; em latim, *vitae*). Essa referência é feita constantemente ao manuscrito que apresenta essas características

³⁵ Na literatura judaica em língua grega, há encômios em Sr 44-55 e 1 Mc 2.50-64. Quanto às inscrições, um exemplo é o Epitáfio de Abramos, judeu, dignatário de Leontópolis, cujo encômio convida todos à reflexão ἰδὼν ἀγατοῦ τάφον ἀνδρός [observando a sepultura de um grande homem]. Ver: VAN HENTEN, J. W.; VAN DER HORST, Pieter W., *Studies in Early Jewish Epigraphy*, p. 23.

³⁶ Fl 2.6-11; Hb 1.1-4; 1 Tm 3.16.

³⁷ CARTLEDGE, Paul, *The Greeks*, p. 232.

³⁸ SHULER, A., *A Genre for the Gospels*, p. 75.

literárias (βίων ἀναγραφή)³⁹, ao escritor que se dedica a esse tipo de literatura⁴⁰ e para fazer referência à própria produção textual⁴¹.

Um paradigma para a análise da biografia grego-romana da época da redação dos evangelhos é a obra do Plutarco (45-125? d.C.), autor grego de quem pelo menos cinquenta ‘Vidas’ foram preservadas e são conhecidas hoje. A introdução da obra *Alexandre* de Plutarco oferece uma distinção entre os escritos que mencionam grandes eventos (ἱστορία) e aqueles que dizem respeito ao caráter de um homem (βίοι). Esse último diz respeito às ‘muitas vezes’ (πολλάκις - e não ‘sempre’, πάντως) que a grandeza do caráter do protagonista da βίος se revela, especialmente nas ‘pequenas coisas’ (πρᾶγμα βραχύ)⁴². Sendo assim, distintamente das ἱστορία, as βίοι não requerem rigidez formal, sendo caracterizadas como parte de “um gênero muito flexível, e seu interesse no pano-de-fundo histórico é apenas uma das variáveis consideradas”⁴³.

A partir do exemplo de Plutarco, é possível concluir que as biografias se concentravam nos detalhes do caráter do seu protagonista, contendo uma narrativa histórica apenas abreviada, tendo caráter moral e protréptico e grande diversidade de padrões literários⁴⁴.

Segundo K. Berger, os elementos que fazem parte das biografias helenísticas eram: o genético, as histórias de infância políticas, as *progymnasmata*, as narrativas sobre prodígios pessoais, a descrição da extraordinária e precoce sabedoria do protagonista, a *ultima verba* e a *sínkrise*⁴⁵. Esses elementos, porém, não são programáticos, apresentando grande variação nas antigas biografias da Antiguidade⁴⁶. Dessa forma, a biografia como gênero literário multiforme e amplo se assemelha aos evangelhos,

³⁹ É o caso de Satyrus Historicus, em sua *Vita Euripidis*.

⁴⁰ Eunapius, por exemplo, afirma que Luciano Δημόνακος φιλοσόφου... βίων ἀνεγράφη [escreveu a vida do filósofo Demónax]. Ver: EUNAPIUS, *Vitae sophistarum*, 454.

⁴¹ Por exemplo, Plutarco assim define o seu próprio trabalho: “γράφομεν βίους” [escrevemos as vidas] (*Alexandre*, 1.2); sua obra serve “τῇ περὶ τοὺς βίους ἀναγραφῇ” [para descrição a respeito das vidas] (*Péricles*, 2.4).

⁴² Ver o relato em BURRIDGE, Richard A.; STANTON, Graham, *What are the Gospels?*, p. 63.

⁴³ PELLING, C. B. R., *Plutarch and Roman Politics*, p. 159.

⁴⁴ Idem, *Plutarch's Adaptation of his Source Material*, p. 135, 139.

⁴⁵ BERGER, Klaus, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 314-315

⁴⁶ Para ver a relação entre os Evangelhos e as biografias da Antiguidade, ver: SCHMIDT, Karl L., *Die Stellung der Evangelien in der allgemeinen Literaturgeschichte*; DIHLE, A., *Die Evangelien und die griechische Biographie*; e BERGER, Klaus, *As formas literárias do Novo Testamento*, p. 312-322.

compartilhando formas e características comuns, porém a biografia e o evangelho não são gêneros idênticos.

O genetliaco é uma profecia sobre uma criança, cujas origens remontam principalmente à literatura judaica (Hen 106.13,19). No Novo Testamento, Lc 1.1,13b, 2.11,34-35,38 e Mt 1.20-21 são versões cristãs dessa forma literária. As histórias da infância de caráter político são aquelas que dizem respeito aos atos executados por autoridades em favor ou contra o herói enquanto ele é um infante. Relatos gregos e judaicos testemunham eventos dessa natureza: Suetônio, em *Augusto* 84; e os *midrashim* judaicos sobre Abraão. No evangelho de *Mateus* há um relato semelhante (Mt, 2.16-18).

A *eugeneía*, tanto da cidade quanto da pátria, indica a origem nobre do herói. *Eugeneía* ou ascendência nobre é a atribuição de valor elevado à ancestralidade. A cidade e a pátria são mencionados para que se identifique o pertencimento do protagonista a um grupo social, o que geralmente implica na possibilidade do exercício por este da cidadania em critérios bem considerados e elevados. Vários autores relatam a importância desses valores: Aptonius, *Progymnasmata* 8-9; Cícero, *De inventione*, 2 (59) 177f; Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.1-18; Hermógenes, *Progymnasmata* 7; e Theon, *Progymnasmata* 8. No Novo Testamento, três relatos de *Mateus* (2.4-6,13-15,19-23), além do início desse evangelho (Mt 1.18-25) e o evangelho de *Lucas* (2.1-5) indicam a ascendência nobiliar (tribo de Davi) e a judaicidade de Jesus.

Quanto às narrativas a respeito dos prodígios pessoais, tais são alusórias aos acontecimentos que revelam a grandeza do herói. Esses relatos fazem referência à ocultação dessas virtudes, com a posterior revelação da verdade. Tais fatos especiais são relatados em Lc 1.44, 2.25-38; Mt 2.1-12, 21.15-16,27.51b-53; Mc 14.3-8 e paralelos.

Os relatos da sabedoria do protagonista dão destaque à precocidade dessa habilidade. Xenofonte, na *Cyropaedia*, 1.2,8, relata a precocidade e habilidade singular de Ciro, rei dos persas, a ponto dele, aos doze anos, ser rápido como os adultos. Diógenes Laércio, ao citar Ariston de Kéos em seu relato sobre Epicuro (X, 14) afirma que esse começou a filosofar aos doze anos de idade. Na literatura judaica, Josefo afirma que Samuel começou a profetizar com doze anos de idade (*Antiquitates Judaicae*, 5.348). No evangelho de *Lucas*, Jesus também é um prodígio tendo apenas doze anos (Lc 2.41-52).

A *ultima verba* é o conjunto das palavras finais do herói. Na literatura greco-romana, corresponde às palavras de Hércules no relato de Sêneca (*Hercules Oetaeus*, v. 1472s). Os evangelhos apresentam paralelos importantes com a *ultima verba* em Mc 15.3334; Mt 27.46; Lc 23.46 e Jo 19.30.

É possível ainda considerar as semelhanças entre os relatos de sofrimento e morte da Antigüidade tardia e os relatos dos evangelhos. Segundo M. Hengel, a ‘*Passionsgeschichte*’ presente em Marcos e Mateus tem semelhanças com as obras Cato Minor e Eumenes de Plutarco. Segundo Hengel, embora haja diferenças significativas, as semelhanças configuram inúmeros paralelos, principalmente “na bela e encantadora história Paixão”, na cronologia insuficiente, na falta de uma descrição psicológica mais profunda e no desenvolvimento a partir de ‘Palavras e Ações’, entre outros”⁴⁷.

Referências bibliográficas

- BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BURRINGTON, Richard A.; STANTON, Graham. *What Are the Gospels?: A Comparison with Greek-Roman Biography*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.
- CARTLEDGE, Paul. *The Greeks: A portrait of self and others*. Oxford: Oxford, 1993.
- DUNN, James D. G. *The Theology of Paul the Apostle*. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.
- EUCKEN, Christophe. *Isokrates*. Berlim: Walter de Gruyter, 1983.
- FRIEDRICH, G. εὐαγγέλιον. In: KITTEL, G. *Theologie Worterbuch in das Neuen Testament*, p. 718-734.
- GLOAG, Paton J. *Introduction to the Synoptic Gospels*. Read Books, 2007.
- HACK, R. K. The Doctrine of Literary Forms. In: *Harvard Studies in Classical Philology* 27, 1916. p. 1-65.
- JÜLICHER, Adolf. *Einleitung in das Neue Testament*. Tübingen: Mohr, 1906.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- PELLING, C. B. R., Plutarch and Roman Politics. In: WOODMAN, MOXON, SMART. *Studies in the Ancient Historians*. CUP, 1985.
- PELLING, C. B. R., Plutarch's Adaptation of his Source Material. *Journal of Hellenic Studies*, 1980. p. 127-140.
- PETERSEN, William L., The Diatessaron of Tatian. In: EHRMAN, Barth D.; HOLMES, Michael William. *The Text of the New Testament in the Contemporary Research: Essayson the Status Quaestionis*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995. p. 77-96.
- ROSSI, L. E., I Generi Litterari e Le Loro Leggi Scritte e non Scritte Nelle Letterature Classiche. In: *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 18, 1971. p. 69-94.
- SCHMIDT, Karl L., Die Stellung der Evangelien in der allgemeinen Literaturgeschichte. In: SCHMIDT, Hans (ed.), *EUCHARISTION*. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1923.

HENGEL, Martin, *Probleme des Markusevangelium*, p. 433.

SHULER, A., *A Genre for the Gospel: The Biographical Character of Matthew*. Philadelphia: Fortress Press, 1982.

STUHLMACHER, Peter. *Das Evangelium und die Evangelien: Vorträge vom Tübinger Symposium 1982*. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1983.

VAN HENTEN, J. W.; VAN DER HORST, Pieter W., *Studies in Early Jewish Epigraphy*. Leiden: Brill, 1994.

HENGEL, Martin; THORNTON, Claus-Jürgen. *Jesus und die Evangelien: kleine schriften V*. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2007.

SCHREINER, Joseph; DAUTZENBERG, Gerhard. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.